

Introdução

Tendo em vista a perda da memória local referente as parteiras do município de Silva Jardim, alguns jovens da região se questinaonaram sobre a falta de informações sobre o tema, que é a falta de conhecimento da maioria da população em relação a essas prestadoras de um serviço tão único e importante.

Por essa questão, estes foram a campo e descobriram uma riqueza de histórias e um número expressivo de parteiras que atuaram na cidade e que tiveram um papel fundamental no sentido de gerar cidadãos genuinamente silva-jardinenses.

O fato de nossa cidade nunca ter tido uma maternidade, obrigava as gestantes a darem a luz em outros municípios, trazendo com esse deslocamento, riscos no caminho até um local com extrutura adequada. Com isso o número de silvajardinenses tem sido cada vez menos frequente, e com a mudança nos hábitos culturais relacionados a natalidade, as parteiras ou como agora denominadas “doulas” acabaram caindo no esquecimento e no desuso de suas práticas.

Nesta pequena edição, encontramos histórias e relatos de diversas parteiras que atuaram em Silva Jardim contadas por seus descendentes e antigos moradores que guardam na memória essas mulheres de coragem, e da honrosa profissão de parteira, hoje reconhecida e regulamentada pelo Ministério da Saúde.

Esta homenagem nos parece muito justa, pois enaltece o valor do trabalho de todas estas que serviram a este município, traduzindo nossa eterna gratidão.

Equipe de Pesquisa



Sumário

O que é ser uma Parteira?

Dona Avany

Dona Natalia

Dona Fia

Dona Julita

Dona Maria Pinto

Dona Dorcina

Dona Cenira

Dona Domícia

Dona Eunice

Dona Nina

Dona Marta

Dona Friciana

Dona Dilcéia

Dona Arinda

Dona Noêmia

Outras Parteiras

Devido falhas no sistema de saúde, acompanhado das desigualdades sociais e regionais presentes principalmente na zona rural, a figura das parteiras persiste em pleno século XXI. Mesmo tratando-se de um direito constitucional assegurado, boa parte das mulheres não tem acesso real à assistência institucional ao parto.

Comunidades rurais, na sua maioria, quer pela falta de assistência médica ou pela distância dos centros de saúde, vivem em situação de isolamento, tornando o trabalho da parteira indispensável.

Como na maioria dos lugares que necessitam do trabalho das parteiras, quando o parto tem que ser realizado à noite, a iluminação é garantida por intermédio de lamparinas e candeeiros.

O trabalho das parteiras não é para qualquer um. Trata-se de um trabalho duro, que requer muito esforço físico, devido longas caminhadas, muitas vezes na boca da noite além da falta de material, treinamento, transporte e perigos em seu ambiente de trabalho, fazendo-as conviver com situações de medo, incertezas e inseguranças.

As parteiras são mulheres com sentimentos ambivalentes, como alegria e tristeza, sofrimento e prazer, medo e coragem e possuem uma sensibilidade e sabedoria que superlativam a muitos profissionais, estando seu maior temor e estresse na possibilidade da perda do bebê ou da mãe. Conhecem bem suas limitações.

São reconhecidas e respeitadas pela sua comunidade, e muitas delas usam práticas populares, como uso de plantas medicinais, superstições e de simpatias, além da sempre presente oração, tornando-se a fé um parâmetro para que o trabalho de parto aconteça sem maiores problemas, independentemente da religião que pertençam. Normalmente esse tipo de trabalho é passado de mãe para filha, perpetuando gerações de parteiras.

Mesmo tendo o direito à saúde garantido constitucionalmente, a falha do sistema nessas áreas, faz com que a figura da parteira continue salvando muitas vidas. Faz-se necessária a vontade política dos gestores dos serviços de saúde para mudar essa situação.

O Dia Internacional da Parteira, datada em 05 de maio, foi instituído pela Organização Mundial da Saúde em 1991 para salientar a importância de seu trabalho em todo o mundo. Em diversos países, esse dia tem sido comemorado por diversas organizações ligadas à defesa dos direitos das mulheres.

Atualmente, o único curso no país que forma parteiras (doulas) está localizado na cidade de São Paulo/SP, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).

Fonte: br.infantil.com

Dona Avany

Relato de Dona Margarida:

Dona Avany, do lar, casada com o senhor José Martins, tiveram sete (07) filhos: Nabor, Neil, Maria Olanda, Maria Tereza, Maria Célia, Maria Aparecida, Maria Dalila e mais um que me fugiu da memória. Dona Avany era muito humilde e alegre, mãe extremosa e esposa exemplar.

Fundou um bloco de carnaval infantil e Morava na Rua Luiz Gomes ao lado do atual Clube do União. Era na sua casa onde aconteciam os ensaios do bloco infantil e também onde eram os bailes.

Dotada de grande generosidade era a mais procurada parteira e muito amada e respeitada por isso.

Fazia costuras de roupas para pessoas carentes de Silva Jardim e era irmã da amada professora Lelé (Professora de Dona Margarida).

Sendo a mais conhecida das parteiras de Silva Jardim, seu nome foi batizado em uma Rua do Bairro Biquinha no ano de 1989 com o projeto de Lei nº020/89 que em seu 1º artigo diz: *Passa a denominar-se Rua Avany, a rua Projetada localizada no bairro Biquinha, Loteamento ou Taquara, em toda sua extensão, iniciando-se na estrada de Mato Alto.*

Justificativa

É a forma como era conhecida a Sr.ª Avany da Silva Martins, que nasceu e se criou nesta cidade, tendo, por mais de duas décadas exercido a quase extinta profissão de parteira, com dedicação e amor ao próximo, sem nunca receber nada em troca dos serviços prestados à comunidade, razão pela qual esta homenagem traduz a gratidão dos legisladores desta cada.

Câmara Municipal de Silva Jardim, 14 de junho de 1898.

*Arnaldo Corrêa de Sá
Vereador*

Dona Natalia

De descendência italiana, Natalina Passareli recebeu este nome por ter nascido no Natal (dia 25 de dezembro) entre os anos de 1890 e 1910. Foi esposa de Pedro Pereira Maciel e mãe de 7 filhos, vindo a falecer no ano de 1976 com cerca de 80 anos de idade.

Sempre preparada para a função que exercia, tinha uma grande sensibilidade e sabia se era possível ser realizado o parto natural ou se seria necessária uma intervenção cirúrgica, que, se fosse o caso, tomando sempre os cuidados necessários para a saúde da mãe e do bebê, a mesma fazia questão de acompanhá-los até a unidade médica mais próxima. Seu olhar clínico era tamanho que até convites para se unir a clínica Darcy Vargas (em Rio Bonito) recebeu, porém a idade avançada e a falta de leitura a motivaram a recusá-los.

Sua autenticidade, personalidade forte e imenso senso de justiça, foram elementos fundamentais para que a fizesse exercer tão bem seu papel de parteira.

Não é possível contabilizar o número exato de partos feitos por Dona Natália, tendo em vista a sua falta de registro como acontece com a grande maioria das parteiras. Estima-se, porém, um número bem expressivo considerando a quantidade de pessoas encontradas que vieram ao mundo graças a seus serviços.

Alguns de seus partos foram os de: Lygia Maria dos Santos Alcântara (tia Lygia), Mario Jorge dos Santos Alcântara (conhecido como Cobra), Lenimar Christina dos Santos Alcântara, Ledimar Christiane dos Santos Alcântara, Mario Jone dos Santos Alcântara (Piaba), Lygimar Terezinha dos Santos Alcântara, Simone (irmã de Geovana Mota), Maria Dionéia Araújo Santos e sua irmã, Ionéa Campos Araújo Mariano.

Lygia Maria, em homenagem a parteira que a trouxe ao mundo, deu a sua filha o nome de Nathália.

Dona Fia

Dona Maria do Carmo, casada com Carlos Francisco Rosa (mais conhecido como Carlinhos Mineiro), é mãe de Pedro Paulo Rosa (Chapéu/Madruga), Romário Lopes Rosa, Sebastião Carlos Rosa, Paulo Antônio Rosa, Jorge Antônio Rosa, Jose Carlos Rosa, Manoel Ramos Rosa e Maria das Graças Rosa. Tem tataranetos, bisnetos e 35 netos.

Nascida em 03 de abril de 1933 (84 anos), mudou-se de Minas Gerais para Silva Jardim entre 1962 e 1963 com cerca de 28 anos de idade, onde nasceu Romário, seu caçula e único silva-jardinense dentre seus filhos.

A estimativa de partos realizados por Dona Fia ultrapassa expressivamente a casa dos 100, tendo sido todos bem-sucedidos; entre eles, estão os dos filhos de: Zenilda Canema Machado e Sebastião Carlos Rosa, Maria das Graças Rosa de Oliveira e Antônio Honorato Couto de Oliveira, Tereza Cristiana Gomes de Brito e Pedro Paulo Rosa e Aline Ferreira Quindelore e Manuel Nunes da Silva. Também vale ressaltar os partos de Suelly do Carmo de Oliveira, Marcos Antônio Nunes da Silva, Joaquim Nunes da Silva, Pedro Malazorte Rosa, Cristiane Rosa, José Andre Rosa e Janaina do Carmo Rosa.

Um fato interessante sobre sua trajetória foi ter conhecido pessoalmente outras grandes parteiras do nosso município, como a própria Dona Avany, Dona Julita, Dona Friciana, Dona Maria Pinto e Dona Natalia, com quem fez dois partos em conjunto. Outra curiosidade foi sua atuação como baiana no Grêmio Recreativo Unidos da Silva Jardim em suas tradicionais festas carnavalescas que eram realizadas na época.

Muito serena, simpática e religiosa, Dona Fia também é uma mulher muito maternal, tendo criado inúmeros filhos, além dos seus biológicos.

Dona Dorcina

Casada com o avô de Cidonilia Rodrigues da Silva (mais conhecida como Papada), o Sr. Laudelino Rodrigues de Carvalho, foi mãe de apenas um filho. Silva-jardinense, tinha pele clara, era de baixa estatura e tinha cabelos escuros e lisos. Faleceu a cerca de 50 anos atrás orbitando os 70 anos de idade.

Conta Dona Cidonilia que sua avó atuou com muito amor e apreço a todos que a procuravam, nunca deixando de atender a quem precisava de seus conhecimentos. Muitas eram as caminhadas em longas estradas de barro que percorria Dona Dorcina, nunca exigindo nenhum valor pelo seu serviço.

As características mais marcantes nas memórias de seus parentes e amigos são sua forte religiosidade (católica), muito boa parteira e rezadeira, tinha muito amor e carinho para com os animais e era apreciadora de fumo; quase não largava seu cachimbo.

Dona Cenira

Filha de Laudelino Rodrigues de Carvalho, marido de Dona Dorcina, era silva-jardinense e residia no bairro Coqueiros. Seu marido era o conhecido Maxixe e faleceu com cerca de 60 anos de idade.

Inspirada por Dona Dorcina, Cenira seguiu os passos da esposa de seu pai, atuando como parteira e como rezadeira. Tinha um conhecimento específico sobre ervas e fusões com os quais ela tratava vários males como resfriados, febre, dor de dente, entre outros.

Era muito alegre e vivia sempre com bom humor, iluminando o ambiente com seu astral positivo.

Dona Julita

Nascida em 1916, Julita Belchior foi casada com Francisco Belchior, com quem teve 7 filhos, todos, nascidos por parteiras. Faleceu com 97 anos de idade em junho de 2013.

Natural do interior de Santa Maria de Campos (onde também nascera todos os seus filhos), veio de trem para Silva Jardim em 1959, pois segundo seu filho Jorge Belchior (Jorge Brechó), Sr. Domingos Tomás Pereira, pai de Dona Julita, trabalhava numa plantação de café que veio a ser comprada pelo governo, tornando assim a vida em Santa Maria do Campo ainda mais difícil.

Não se sabe exatamente quantos partos foram feitos por Dona Julita, mas estima-se que foram mais de 150, incluindo os de seus próprios netos: os filhos de Jorge Brechó que de 11, fez o parto de 10 e os de sua filha Lena.

É pertinente ressaltar o fato de ela ter sido muito amiga de Dona Fia, além de também ter conhecido pessoalmente Dona Avany e Dona Natalia.

Dona de casa e muito religiosa, era católica e também rezadeira. Fazia o possível pra atender as gestantes em trabalho de parto em qualquer parte de Silva Jardim. Fazia partos na cidade inteira.

Dona Maria Pinto

Nascida em 05/02/1925, faleceu no dia 27/07/2000 aos 75 anos de idade. Natural de Silva Jardim, Dona Francisca Rodrigues foi mãe de 8 filhos, nos quais 6 eram biológicos e também nascidos pelas mãos de parteiras.

Segundo relatos, quando Dona Julita ou outra parteira da cidade não estavam disponíveis, recorriam a ela por sua imensa sabedoria, tendo assim, feito dezenas de partos, como o do bebê de Zezé, nora de Dona Fia.

Muito religiosa, era rezadeira e bastante respeitada pelos serviços prestados a comunidade.

Dona Domícia

Domícia Isabel da Conceição foi mãe de Eulício Ferreira (rezadeiro) e sogra de Dona Eunice Maria da Conceição Ferreira, de quem fez o parto de 4 filhos. Tem 8 anos de falecida e residia na Fazenda Brasil.

Os fatos que constam na pesquisa sobre sua atuação foram relatados por sua Nora Dona Eunice, que neste livreto, tem uma participação bem singular, vizando que todos os partos realizados por ela tenham sido por mero acaso do destino. De Dona Domícia a nora lembra com afeto e respeito pela figura que representava para toda a família.

Destemida e de gênio forte, estava sempre disposta a ajudar quem batesse em sua porta, não medindo esforços no que lhe cabia como responsabilidade.

Não há um número estimado de quantos partos Dona Domícia tenha realizado, porém a certeza é que não foram poucos considerando o quanto era requisitada.

Dona Eunice

Sabe aquela história “lugar certo, na hora certa”? Pois bem, o relato a seguir é de uma Dona que sem querer, por três vezes, foi parteira por acaso.

Filha de Miguel Ferreira e Theodora Maria da Conceição, Eunice Maria da Conceição Ferreira, nasceu no dia 29 de julho de 1937 e tem 8 filhos, nos quais 4 nasceram pelas mãos de Dona Domícia e os outros 4 das de Dona Friciana.

Tinha em sua família, Dona Domícia Isabel da Conceição (sogra) e sua mãe que realizavam partos, mas nunca havia aprendido a prática de ajudar à pôr crianças no mundo.

Um dia, Dona Eunice como de costume, foi até a casa de sua cunhada Angélica, que já estava em seus últimos momentos de gravidez. A mesma já vinha dando sinais do parto, com dores que, por inocência, acreditava não passar de corriqueiras. Porém Dona Eunice, por experiência de todas as suas gravidezes, já sabia que eram contrações. Preocupada, logo notificou o irmão

o pedindo para que chamasse uma parteira, pois a cunhada não queria ir para o hospital e o momento decisivo já dava sinais. Entretanto, o irmão retrucou que não iria, pois temia a escuridão da noite e os cães que sabia que encontraria no meio do caminho.

No auge de toda essa confusão, a grávida ia de lá pra cá, de cá pra lá, esvaziando a bexiga, e em um desses momentos, sentiu sua criança vindo. Eunice no mesmo instante a colocou para dentro de casa não sabendo se ficaria aos prantos ou se gritaria, junto com sua cunhada, que agora deitada, já estava dando a luz.

Quando a criança por fim, veio ao mundo, Dona Eunice parou e pensou por alguns momentos, e em seguida após analisar o que havia acontecido, pegou um pano e puxou a perna do bebê, o colocou de lado o cobrindo com esse mesmo pano, pedindo mais uma vez para que o irmão fosse chamar uma parteira para finalizar os procedimentos do parto (apesar da mesma alegar que sabia o procedimento do corte do cordão umbilical). O irmão sem pestanejar, foi buscar a dona Domícia que finalizou a situação, fazendo corte do cordão umbilical e dando os últimos cuidados.

Segundo parto:

Tempos depois do primeiro parto ocorrido, foi a vez de sua irmã dar a luz. A mesma, não queria seguir os conselhos de Dona Eunice que, emburrada saiu. Na volta, contemplara o nascimento de seu sobrinho. Neste segundo parto ela viu o nascimento acontecer, não conseguindo realizar foi no mesmo momento buscar sua sogra Dona Domícia e desde aí resolveu que não queria mais participar de partos, ainda que involuntariamente.

Bom, o que ela não sabia, era que o destino ainda lhe daria mais uma surpresa.

Terceiro e último parto:

Dessa vez, a filha Maria de Fátima é quem estava quase dando a luz, mas sofria as dores de parto calada, pois queria poupar a todos. Dona Domícia, com toda sua experiência com partos passados, havia dito que a filha de sua nora, só daria a luz algumas horas depois, despreocupando Dona Eunice que resolveu executar seus afazeres domésticos.

No término de tais atividades, ela, pensando na filha, foi ao seu encontro para ver como estava. Ao chegar à residência desta, que era também sua vizinha, se deparou com ela dormindo. Surpresa acordou a filha e

perguntou como ela estava se sentindo. A filha ainda gestante alegava muitas dores, mas aguentava, pois não havia o que fazer por ter que esperar. Dona Eunice então, chegou a cogitar fazer um chá de canela para amenizar a dor de sua filha, mas quando ela foi ajeitá-la, pois estava deitada de lado, a criança já estava nascendo. Aos gritos, Dona Eunice fez pedidos de ajuda que foram atendidos por sua vizinha indo buscar dona Domícia. Mas quando a mesma chegou à casa de Maria de Fátima, a criança já havia nascido.

O curioso desse parto, é que a criança nasceu sem o rompimento da bolsa amniótica (a bolsa nesse caso não estourou e a criança nasceu dentro de uma grande bolsa de líquido). Assustada com o caso inusitado, na mesma hora a avó, pegou um alfinete e fez com que a bolsa se rompesse. A vizinha que foi buscar dona Domícia pegou o recém-nascido no colo, o enrolou em um pedaço de pano e a sogra da avó da criança, finalizou o processo, cortando o cordão umbilical.

Dona Eunice era casada com Eulício Ferreira, que faleceu pouco tempo depois da mãe Domícia.

Dona Nina

Hernandina Cardoso David nasceu em 16 de maio de 1925, na cidade de Ponta Porã, estado do Mato Grosso do Sul. Seus pais, Francisco de Assis Cardoso e Honorina Nascimento Maciel eram pessoas humildes que viviam na área rural da cidade.

Muito cedo veio para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, onde conheceu aquele que seria seu esposo por toda uma vida.

Viveram juntos e resolveram oficializar essa união em 30 de maio de 1949.

Teve 13 filhos, dos quais 2 faleceram ainda bebês.

Veio com sua família para o município de Silva Jardim em novembro de 1965. Inicialmente morou na localidade da Engenhoca e no início do ano de 1966 mudou-se para a Rua Coronel Cazeca, atual Sansão Pedro David, onde residiu até os últimos dias de sua vida.

Assumiu o lar muito cedo e a tarefa de dona de casa não permitiu que estudasse. Contudo, assim que os filhos cresceram, dona Nina, como era carinhosamente chamada, resolveu estudar. Matriculou-se na Escola Supletiva

anexa ao então Grupo Escolar Sérvulo Mello e em 21 de dezembro de 1973 concluiu o Curso Supletivo, correspondente às séries iniciais do Ensino do 1º grau (atual Ensino Fundamental).

Cursou o antigo ginásio (atual 2º segmento do Ensino Fundamental) no período de 1974 a 1977 no Centro Educacional Silva Jardim.

Em 1978 ingressou no Curso de Formação de Professores, concluindo-o em 1980, também no Centro Educacional Silva Jardim.

Em 1979, fez o curso de Primeiros Socorros, Auxiliar de Enfermagem e Puericultura, através do Projeto Rondon, obtendo conceito máximo.

Trabalhou na prefeitura de Silva Jardim de 1971 a 1993 como auxiliar de enfermagem, profissão que abraçou e exerceu com total dedicação.

Empenhada e apaixonada pela profissão, em 1979, fez o curso de atendente social pelo SENAC.

Ao longo de sua vida, ajudou muitas pessoas. Foi parteira, auxiliando muitas mulheres carentes e sem condições de ir para hospitais. Valnei Magalhães de Oliveira, (esposo da Profª Kátia Peixoto), Jacira Maria das Dores (reside atualmente próximo ao campo do Rial) e Kátia (funcionária dos correios em Imbaú) foram silva-jardinenses que vieram ao mundo pelas mãos abençoadas de dona Nina.

Um fato interessante que podemos destacar é que quando foi dar à luz à filha caçula, a Profª Maria Célia, em 11 de abril de 1966, nenhuma das parteiras puderam ajudá-la porque chovia torrencialmente. A cidade estava alagada. Seus filhos Elumar David (Técnica aposentada da Justiça Federal), Cairo Ítalo França David (atualmente Desembargador do Tribunal de Justiça RJ) e Sansão Pedro David Filho (Engenheiro Agrônomo e Mestre em Matemática), 3 jovens, procuravam desesperadamente por uma parteira, pois a sua mãe, dona Nina já começava a entrar em trabalho de parto quando saíram de casa para esta busca. Ao retornarem encharcados pela chuva e receosos pelo que pudesse acontecer à mãe e à criança, tiveram uma maravilhosa surpresa. A criança viera ao mundo pelas mãos do próprio pai, com as orientações da parturiente.

Brigou muito pelo direito dos trabalhadores e em 1993 foi eleita presidente do Sindicato dos trabalhadores de Silva Jardim, atuando até 1996. Faleceu em 20 de fevereiro de 2008, deixando um vazio enorme na vida de muitas pessoas.

Texto de sua filha Maria Célia.

Dona Marta

Dona Marte Pereira de Abreu conhecida como Dona Marta, nascida em 31 de março de 1924 oriunda de Porto das Caixas na cidade de Itaboraí, mudou-se para Silva Jardim no ano 1962 com os filhos e o esposo, Feliciano Bentes de Senna (Cabo Senna) sendo ele enfermeiro e policial militar. Teve oito (08) filhos sendo cinco (05) do primeiro casamento e três (03) do casamento com Feliciano.

No bairro da Fazenda Brasil era onde acontecia boa parte dos atendimentos. Todos os partos realizados por Dona Marta podemos dizer que foram auxiliados por seu marido que tinha muita experiência nesta área, experiência essa adquirida com sua sogra a Dona Silvana de Pinho Pereira, mãe de Dona Marta. Dona Marta seguindo os passos da mãe que atuou em Porto das Caixas como Parteira, era muito religiosa como a maioria das mulheres que praticavam a função, e sempre fazia suas rezas e poções naturais que combatiam a diversos males. Em parceria também com Dona Friciana (Feliciano) atendeu a diversos casos na Fazenda Brasil. Com o falecimento de seu esposo em 1976 foi deixando de fazer partos, tendo em vista a importância dele na atividade que ela também exercia com tanto apreço. Seu último parto foi o da filha, Carla de Senna Gerônimo, dando a luz a Paula de Senna sua neta, encerrando uma linda trajetória. Dona Marta faleceu em 2004 aos oitenta (80) anos, deixando muita saudade.

Relatado por sua filha,

Naide Pinho Pereira dos Santos.

Dona Friciana

Dona Feliciano conhecida como Dona Friciana era uma parteira muito querida por outras parteiras por sua figura doce e justa que sempre representou ser. Atuou em parceria diversas vezes com Dona Domícia e Dona Marta, sempre com muita responsabilidade.

Ela já estava com bastante idade quando para sobreviver andava com uma cestinha para receber doações, tendo em vista de não ser casada, não ter tido filhos próprios e a falta de parentes na cidade a obrigava pedir doações. Viveu bem e feliz até a casa dos seus noventa anos, e seu falecimento data do final da década de 1960. Residiu com Dona Eunice da qual fez o parto de

quatro (04) filhos, se mudando posteriormente para a casa de Amélia Maria até o seu falecimento.

Dona Dilceia

Dona Dilceia Coutinho Sales em suas próprias palavras relata:

“Antigamente as coisas eram muito difíceis, e não existia medicina, então eu e outras pessoas “inteligentes” podíamos fazer. A gente fazia o que podia e o que Deus mandava: “socorrer um anjo”. Lembro do último parto que fiz, há mais ou menos 35 anos atrás, foi um parto muito difícil, levou mais de três(03) horas para a criança nascer. A mãe já não sentia mais dor, fiz um chá de canela bem forte e dei pra ela beber para voltar a dor e facilitar o parto, graças a Deus a criança veio ao mundo saudável.

Eu amei a experiência por que salvei a vida de crianças e mães”...

Dona Arinda

Dona Arinda da Conceição Pires, casada com Aumerindo Pires da Silva, nasceu no dia 04 de dezembro de 1936 e faleceu no dia 31 de janeiro de 2016. Dos 12 filhos que teve, 10 nasceram pelas mãos de Dona Rosa, tendo ela mesmo (Arinda) feito sozinha o parto da própria filha Marizete Conceição Pires da Fonseca. Apenas seu filho mais novo nasceu num hospital.

Original de Cataguazes, exercia a função de parteira com muito amor. Dirigia-se às casas das mães em trabalho de parto a qualquer custo: sob chuvas torrenciais ou percorrendo longas distâncias. Com a ajuda de terceiros, como a do detetive Valmir que tinha disponibilidade de veículos, atravessava Silva Jardim inteira se preciso para prestar serviço.

Tamanho era seu instinto maternal que, em uma situação específica, mesmo estando internada na clínica fez um parto de uma das pacientes, pois não havia nenhum serviço de atendimento disponível no momento. Quando os médicos chegaram, tiveram apenas a função de cortar o cordão umbilical do recém-nascido.

Dona Arinda como a grande maioria das parteiras, também era rezadeira e tinha conhecimento fitoterápico, fazendo poções e fusões de ervas medicinais classificando-se assim também como curandeira.

Dona Noêmia

Nascida no dia 13 de novembro de 1930 em Pirinéus, Silva Jardim. Teve 9 filhos, todos nascidos em casa pelas mãos de sua avó Francilina e de sua mãe Antonia Maria da Conceição, sendo ambas parteiras e rezadeiras também de Pirinéus.

Fez sozinha o parto de dois de seus filhos: Nilton e Dilma. Segundo a própria, em ambas situações estava a sós em casa quando entrou em trabalho de parto. Enquanto esperava seu marido Antônio Martins de Oliveira buscar uma parteira, seus filhos nasceram, cortando ela mesmo o cordão umbilical.

Trouxe com suas mãos ao mundo, também, a filha de Dona Conceição, que à ela recorreu por não haver mais parteiras disponíveis no momento. O fez pois sabia que Dona Noêmia (por ser neta e filha de parteiras profissionais) tinha conhecimento acerca de partos, mesmo nunca tendo feito um. O outro parto que por ela fora feito foi o da cunhada Eurodi Gomes de Oliveira, na mesma situação.

Seu último parto foi o da neta Gilceia de Oliveira Tinoco, filha de Dilceia Maria de Oliveira.

Morou a maior parte de sua vida em Pirineus, mudando-se para Mato Alto há 23 anos, quando já era bisavó. Muito alegre, simples e dona de grande simpatia, Dona Noêmia tem mais de 20 bisnetos e reside hoje no bairro Reginópolis.

Outras Parteiras

Com o intuito de propagar a memória local e valorizar nossas histórias, informamos que o presente material ainda está em construção, necessitando da comunidade mais informações para que tenhamos um registro mais abrangente destas histórias.

Abaixo temos uma lista de outras parteiras encontradas, porém sem muitas informações sobre elas. Contamos com a ajuda de parentes e antigos moradores para que tenhamos seu registro adicionado nesta pesquisa.

Dona Alzira
Dona Julinha (esposa de Jose Albano) (Centro)
Dona Santora (Lagoa de Juturnaíba)
Dona Élide Elestrelinha
Vicentina Catarina de Jesus (Nossa Sr.^a da Lapa)
Dona Isaura (Gaviões)
Dona Josefa da Silva Figueiredo (Mato Alto)
Dona Maria Sorriso (Maria Francisca Peres de Souza)
Dona Laelca Sales Martins (Caxito)
Dona Judith
Dona Rosa (Cidade Nova)
Dona Galiana (Centro)
Dona Mariquinha (Centro)
Dona Derli (Boqueirão)
Dona Manoela (Boqueirão)
Dona Almerinda (Biquinha)
Francisca Coutinho (Fazenda Brasil)
Maria Rangel (Mato Alto)
Dona Maria de Bernardo (Vargem Grande)
Dona Cecília (Epitácio) (Gaviões)
Dona Florentina Maria de Jesus (Gaviões)
Dona Iracir (Pirenéus)
Dona Nazareth Coelho (Fazenda Brasil)
Dona Iraci Sales (Fazenda Brasil)

Agradecimentos

Toda a equipe de pesquisa é muito grata pela recepção em que todos os entrevistados sem exceção nos receberam.

Em todas as ocasiões fomos recepcionados com um sorriso sincero no rosto, abraçando todos a ideia de criar esse material que com simplicidade, expressa um enorme carinho e respeito por todas as nossas parceiras.

Esta pesquisa está aberta a acréscimos de novas histórias e de outras parceiras não encontradas. Caso tenha informações envie para o seguinte endereço: feiravivasj@gmail.com

Equipe de Pesquisa:

Leandro Moraes

Fernanda Conceição

João Gabriel Valladão